

Gilberto Mendonça Teles

Entrevistadora: Vamos falar agora sobre a criação do Centro de Estudos Brasileiros-CEB. Como surgiu essa ideia? Por que se criou esse Centro?

Entrevistado: No início de 1962, o reitor e fundador da UFG, professor Colemar Natal e Silva, esteve em Brasília com o Ministro da Educação, Darci Ribeiro, que lhe falou do Centro de Estudos Portugueses, criado na Universidade de Brasília por inspiração do professor Agostinho da Silva, filósofo português com larga experiência no estudo da expansão da Língua Portuguesa pelo mundo. Portugal e todas as nações lusófonas comemoram neste ano o centenário de seu nascimento. Agostinho da Silva conhecia de perto a sobrevivência do português no Timor e nas colônias portuguesas da África: Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Ora, o professor Colemar era um homem politicamente tocado pela ideia do novo. Imediatamente convidou o professor Agostinho da Silva a visitar a Universidade Federal de Goiás e programou uma “Semana de Planejamento da Universidade Federal de Goiás”, que se iniciou em 23 de janeiro de 1962, com uma importante conferência pronunciada por Agostinho da Silva. A conferência de encerramento, em 29 de janeiro, ficou por conta do próprio reitor, que anunciou publicamente a criação do Centro de Estudos Brasileiros.

Antes da conferência, eu recebi no IBGE a visita do professor Agostinho da Silva que, conhecendo meus livros de poemas e alguns artigos que publiquei em jornais, de Goiânia e de Brasília, quis me conhecer pessoalmente. Na conversa, falei sobre alguns de meus projetos de investigação literária e lingüística, em andamento, e recebi dele o convite para estar presente no encerramento da Semana, no Hotel Bandeirantes, que havia na Avenida Anhanguera, perto da Goiás. Compareci e, conversando com Dona Genesy, esposa do reitor e minha ex-professora de francês na Faculdade de Filosofia, fiquei sabendo que o professor Agostinho havia sugerido o meu nome ao reitor e que este ia me convidar para ser o organizador e, depois, o diretor do Centro de Estudos Brasileiros, cuja criação ele ia anunciar essa noite.

De fato, no seu discurso o professor Colemar Natal e Silva agradece a colaboração intelectual do professor Agostinho da Silva e anuncia:

A Universidade Federal de Goiás funda, com sede em Goiânia, e como uma de suas unidades integrantes, o Instituto Universitário, aliás, o Centro de Estudos Universitários Brasileiros. A sua finalidade é pesquisar, ensinar e planejar a realidade brasileira em todos os seus domínios. Para a consecução do seu objetivo, contará o Centro com três órgãos diferentes de serviço: Documentação, Ensino e Pesquisa. Para o setor de Pesquisa eu já convidei o Professor Gilberto Mendonça Teles, que é figura muito conhecida nos nossos meios intelectuais e um valor autêntico, especializado nesse terreno. Orientará superiormente as atividades desse Centro um diretor nomeado pelo reitor, dentre os especialistas de reconhecida competência.

A partir daí fui posto à disposição da Universidade Federal de Goiás, quase que num passe de mágica. Como eu era funcionário federal do IBGE, por concurso, o reitor telefonou ao Ministro da Educação solicitando que eu fosse posto à disposição da universidade, o que se deu muito

rapidamente. Logo me enquadraram num cargo de professor e pude então pedir minha exoneração do IBGE, onde trabalhei por quatorze anos e aprendi muito sobre pesquisa e objetivação do trabalho intelectual.

Começa, portanto, em janeiro de 1962, o meu trabalho de diretor do Departamento de Pesquisa do Centro de Estudos Brasileiros (CEB), na Universidade Federal de Goiás. Três meses depois fui promovido a coordenador e executor dos planos de estruturação do Instituto de pesquisas culturais e educacionais do CEB. E em agosto (não sei se por falta de pessoa mais credenciada em Goiânia), virei diretor do Centro de Estudos Brasileiros, conforme Portaria nº 85, de 3 de agosto de 1962. Continuei no cargo até o fechamento do Centro pelo Ato Institucional nº 1, em 9 de outubro de 1964, baixado pela revolução militar de 1º de abril deste ano. Assim, de agosto de 1962 a outubro de 1964, o Centro funcionou com um Curso de Estudos Brasileiros, um Curso de Literatura de Goiás, inúmeras conferências, a publicação de uma revista – *Cadernos de Estudos Brasileiros* – de que saiu apenas o primeiro número, com boa repercussão na crítica nacional. Quando se preparava o segundo, vieram o golpe militar e a intervenção em Goiás e no Centro. Mas consegui guardar o material que ia constituir o segundo volume. Houve também uma Exposição Internacional do Livro, um Festival de Estudos Brasileiros e viagens de estudos à Cachoeira Dourada, a Pirenópolis, além de outras programadas.

E por que se deu o fechamento do CEB? A política interna da UFG, com os opositores ao reitor Colemar Natal e Silva, cujo trabalho passou a despertar inveja e, também, a atitude megalômana do próprio reitor, com um olho na universidade e outro na possibilidade de ser Ministro da Educação, fez com que se fossem abrindo várias frentes administrativas, de modo que a reitoria não conseguia tratar bem essas frentes. Foi o caso do Centro de Estudos Brasileiros: mal visto pelos opositores da Faculdade de Direito que o imaginavam infiltrado de “comunistas” (lembrar que o vice-diretor era o Bernardo Élis, “tido” como comunista por causa de suas obras, voltadas para a gente humilde), o Centro, apesar de ter sido aprovado pelo Conselho Universitário e de ter sido discutido no Conselho Federal de Educação, foi sempre visto como um exagero da reitoria.

Acontece que o corpo docente da UFG não tinha bem uma ideia madura do que fosse Universidade: a maioria dos professores provinha de faculdades provincianas e cada um se preocupava com a sua disciplina, sem ter uma visão, um espírito universitário capaz de pensar a universidade para além das suas unidades de ensino. Nem o espírito de pesquisa estava também adequado à sua função de professor. O resultado foi que o Centro de Estudos Brasileiros, cuja compreensão exigia um pensamento maior e maduro de universidade, passou a ser visto como desnecessário e, além disso, lugar de “comunistas”. Como sempre acontece em nosso país, a política anticomunista dos norte-americanos logo depois da segunda guerra mundial chegava bem atrasada no Brasil. Deste modo, estudar o Brasil, a sua história, a sua cultura, a sua geografia humana e até a sua literatura passou a ser visto como coisa de “comunistas”. Com isto, quando veio o golpe militar de março/abril de 1964, o bode expiatório foi, de um lado, o governo de Mauro Borges Teixeira e, de outro, o Centro de Estudos Brasileiros.

Entrevistadora: Tudo isso se passou aqui, em Goiânia?

Entrevistado: Tal como estou contando e está comprovado pelos documentos: atas, portarias, publicações, etc. Guardo uma boa documentação a respeito. Ofereci ao professor Joel Pimentel de Ulhôa, quando ele foi reitor da UFG, os livros de ata do Centro, em três volumes. Mais tarde recebi deles uma cópia desses livros. Lá está a história *oficial* da criação do Centro. Durante os quinze anos da revolução militar ninguém teve coragem de falar em Centro de Estudos Brasileiros. Até alguns professores começaram a “esquecer”, como São Pedro, que haviam feito parte do seu corpo docente. Mas está tudo nos livros de ata.

Agostinho da Silva trouxe para nós a sua experiência na criação dos Centros de Estudos da Universidade da Bahia, da Universidade de Brasília e da Universidade de Santa Catarina. Esses Centros continuaram sabe-se lá como, revolução adentro. Mas o da Universidade Federal de Goiás teve de ser fechado por causa da política provinciana dos goianos e da inveja da atuação um tanto caótica mas sem dúvida grandiosa do reitor Colemar Natal e Silva que viu muito além de seu tempo. Além disso, o Centro da UFG tinha sido organizado por mim, santo de casa ou como disse mais tarde num poema: “santo de pau oco num altar barroco”.

Agora sou eu quem lhe pergunta: Que você vai fazer com o material que pretendo lhe oferecer sobre o Centro de Estudos Brasileiros?

Entrevistadora: Com certeza vou utilizá-lo na dissertação de Mestrado que vou defender na Pós-Graduação de História, na própria Universidade Federal de Goiás.

Entrevistado: O que não se pode é se contentar com uma dissertação só para garantir o seu título de Mestre. É preciso ousar ir além e trazer alguma contribuição à comunidade científica do país. Você deve fazer render o material que terá em mãos. O historiador tem de aprender a trabalhar também com a “imaginação científica”. Só os dados positivos e empíricos, os dados objetivos e reais não fazem a história, uma vez que esta é uma construção pela linguagem. O historiador tem de aprender a meter os dados num discurso — o discurso histórico. É o que leio, por exemplo, em Michel de Certeau ou então em um antropólogo como Lévi-Strauss, no seu famoso *La pensée sauvage*, onde ele diz que “O historiador é um homem que corta, recorta, combina, seleciona e organiza a sua linguagem”. Para ele “uma história total seria igual a zero”, seria algo caótico. Só quando o historiador consegue selecionar o que lhe parece necessário à sua visão é que começa a escrever o seu discurso.

Entrevistadora: Com certeza. Mas qual era o objetivo maior do Centro de Estudos Brasileiros?

Entrevistado: À medida que trabalhava na organização do CEB e ia procurando conhecer os outros centros que havia no Brasil e mesmo fora dele, como mais tarde vim a conhecer, como o da Universidade de Lisboa (de que vim a ser diretor em 1983), o da Argentina, do Chile, do Peru e o do Uruguai – um centro maior chamado Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, onde trabalhei por quatro anos, sendo inclusive o seu vice-diretor, e por várias vezes, em exercício de diretor. Neste sentido de conhecimento, ajuntei bastante material sobre os centros de estudos e acabei estruturando um

modelo que se encaixava na filosofia de Agostinho da Silva. Levei-o ao reitor Colemar Natal e Silva que imediatamente o aprovou e me pediu que o preparasse para o Conselho Universitário. Organizei, assim, um quadro de professores (com um e outro indicado pelo próprio reitor) e o projeto do centro foi levado ao Conselho Universitário, que o aprovou por unanimidade, mesmo com alguns professores não sabendo bem de que se tratava. Mas o reitor sabia ser poderoso e a maioria dos professores não tinham uma ideia maior de Universidade e pensavam mais nos seus cargos e nas suas faculdades, como se deve dar ainda hoje não só em Goiás.

O Centro de Estudos Brasileiros foi pensado como uma superestrutura da UFG. O fundamento filosófico que inspirou a sua criação era o de que a universidade, com seus institutos e faculdades, cada uma com o seu currículo especializado, não “tinha tempo” para estudar a realidade brasileira. Daí a necessidade de um organismo que suprauniversitário, que atuasse como um *espírito universitário* de conscientização da realidade nacional. Professores e alunos desconheciam o sentido maior da nossa história, da geografia brasileira, os problemas antropológicos do homem brasileiro, as suas relações sociais, o lado econômico e cultural do país. O Centro de Estudos Brasileiros seria o ponto de união cultural de todas as faculdades e estaria diretamente subordinado à reitoria, como de fato o foi, mas só financeiramente. Com o tempo acabou ganhando a autonomia para a sua direção didática e cultural. A sua ligação direta com a Reitoria teve afinal o seu lado ruim, porque acabou sendo vítima da oposição que se fazia ao reitor Colemar Natal e Silva que, com seus mil problemas, acabou deixando o Centro entregue à sua própria sorte.

Como diretor eu viajava a Brasília, ao Rio de Janeiro, a Belo Horizonte, Florianópolis e Salvador, fazendo contatos culturais para o centro. O vice-diretor era o Bernardo Élis, escolhido por mim e aprovado pelo reitor. Mas o Bernardo, grande escritor, era um tanto abúlico, sem ânimo para o trabalho administrativo e sem firmeza nas suas convicções ideológicas. Vivia da glória de ser autor de *Ermos e gerais*, elogiado por Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. O Bernardo valia portanto pela presença do seu nome, mas era um homem indeciso, fácil de ser manobrado pela esquerda festiva que então proliferava em Goiânia. (Tanto que, quando fui ao Rio cuidar da aprovação do Centro no Conselho Federal de Educação, o Bernardo foi procurado pelos comunistas que exigiram dele a ocupação do meu lugar, pois eu não era de confiança da esquerda. Bernardo não aceitou, mas só me contou isso depois de eu ter sido exonerado pelo AI-1).

A oposição maior ao Centro de Estudos Brasileiros tem origem no seguinte episódio. Como estavam vagas as cadeiras de Literatura, Antropologia, Geografia e Língua Portuguesa, tratei de escolher a pessoa que, no meu entender, melhor serviria aos objetivos culturais de cada uma. Já havia convidado um professor para Língua Portuguesa, José Luís Nunes, que aceitou para começar no ano seguinte, 1964. Mas um antigo colega meu na Faculdade de Direito, José Soares de Castro, me procurou querendo ser professor de Português. Disse-lhe que lamentava, pois já havia convidado outro professor. Acontece, porém, que o Zuza, José Soares de Castro, era casado com a filha de Romeu Pires de Campos Barros, diretor da Faculdade de Direito. Foram diretamente – sogro e genro – falar com o reitor que, com firmeza, respondeu que não podia fazer nada, uma vez que havia combinado com o diretor do Centro que a escolha dos professores era da competência dele. Com isto, a Faculdade de Direito, que já se opunha à reitoria, passou a ver o Centro como um foco de comunistas e criptocomunistas, como me chamavam.

No meu livro de poemas, *Sociologia goiana* [sociologia de um Saci, saciado com as sacanagens políticas na Universidade Federal de Goiás], há um poema chamado “Exorcismo”, onde faço alusão a algumas dessas personagens da vida universitária goiana, como no início:

Verdade crua – a ira, a pua,
o dado escuro, o ódio demais,
a delação e o dedo duro
sobre Goiás.
[...]

Fruta-pãolista, papel riscado,
burro empacado nos capinzais,
ah! Romãozinho! ah! Porco-espinho!
ah! Pobrezinho do meu Goiás!

Farnel maneiro, de pirilampos,
zebu no *campus*, nos matagais [...]

E tu, marcellus erisipela,
piolho da tribo na dor, nos ais,
com mil diabos cresçam teus rabos,
cresçam teus chifres de fogo e rifles,
no mais distante do meu Goiás.

Com as atividades de cursos, conferências, exposições e publicações, o nome do Centro de Estudos Brasileiros ganhou repercussão e logo começou a ser procurado por gente de outras universidades, como o grupo de estudantes de Belo Horizonte. Apresentaram-se como sociólogos e antropólogos e um deles, Juarez de Brito, foi recebido pelo reitor Colemar que ficou impressionado com ele, indicando-o para o cargo vago de diretor do Departamento de Pesquisa no Centro. O seu trabalho ficou apenas no planejamento de futuras pesquisas e na proposição de um Curso de Reforma Agrária, que não aprobei. No entanto, o reitor – desejoso de agradar aos estudantes e de olho na possibilidade de ser ministro da Educação – autorizou o curso no Departamento Cultural da UFG, sem que eu soubesse. Um dia me chegam de lá com uma série de diplomas desse curso, diplomas que traziam a assinatura do diretor do Departamento Cultural, da Reitoria e um lugar para a do diretor do Centro de Estudos Brasileiros. Como não tinha autorizado, não assinei. Tempos depois, o coronel Danilo, que comandou a revolução militar em Goiás, me perguntou porque eu não assinei o tal de diploma. Respondi que não havia autorizado e portanto não tinha que assinar. Lembro-me – e isto foi numa missa de domingo na catedral –, lembro-me

que ele me respondeu com ironia: — *Você não assinou porque é muito inteligente*. Penso que o coronel confundia a palavra com o termo ideológico russo para a *intelligenza*

Com o tempo fiquei sabendo que esses estudantes mineiros formavam um grupo fortemente político, da POLOP, creio que da linha comunista de Mao Tse Tung. Souberam da liberdade universitária do centro e vieram para infiltrar-se entre alunos e professores. Soube disso porque um deles, Juarez de Brito, a quem ajudei como fiador e que chegou a trabalhar, por um mês, na direção do Departamento de Pesquisa, nomeado pelo reitor Colemar, saiu às pressas de Goiânia e me mandou, de Belo Horizonte, uma carta de 11 de fevereiro de 1964, como se soubesse do golpe militar de 31 de março. Acho que vale a pena transcrevê-la, sobretudo quando se sabe que esse Juarez veio a morrer fuzilado pelos militares no Rio de Janeiro. Ela, na íntegra:

b.h.11.2.64

Gilberto,

Devemos-lhe uma explicação: viemos para o Natal com a pretensão de retornar no dia 3 de janeiro; não foi porém possível. Quando chegamos a Belo Horizonte, Maria do Carmo, minha esposa, consultou médico psiquiátrico: estava com esgotamento nervoso. Aprofundando o exame verificou-se que a causa fundamental eram as contrariedades que enfrentamos em Goiânia. Maria do Carmo é suficientemente equilibrada para recuperar-se com um simples repouso e mudança de ares: este foi o diagnóstico do médico, que na realidade se confirmou; em 15 dias ela estava inteiramente reavivada e afastados todos os sintomas de cansaço.

Como você deve saber somos militantes políticos. Temos concepção sobre o processo revolucionário brasileiro a qual chegamos a partir de meticulosa e racional análise da nossa realidade. Concluímos que, para haver o progresso social no Brasil, é necessário proceder modificações fundamentais em nossa estrutura sócio-econômica; por sua vez estas transformações se processarão com uma mudança qualitativa na estrutura do poder político. Vale dizer, é necessário transferir em termos de classe, o poder político no país para haver as modificações sociais necessárias ao desenvolvimento. Existe uma aliança de classe que presentemente domina o poder político no país: aliança da burguesia industrial e comercial com o latifúndio. Como é possível pedir-se à burguesia que solucione o problema do custo de vida (que aflige as grandes massas no momento) se isto só é possível efetivar-se através da diminuição de seus lucros?... como é possível fazer-se uma reforma agrária, imprescindível do latifúndio com a burguesia?...

Devido a isto, achamos que as atuais classes dominantes não possuem as mínimas condições para efetuar estas transformações; somente um governo de trabalhador, vale dizer, apoiado efetivamente na grande massa de assalariados (inclusive nos profissionais liberais), nos pequenos proprietários rurais e urbanos (que cada vez mais se vêem sufocados pelos grandes proprietários) poderá fazer as modificações de estrutura necessárias ao progresso de desenvolvimento social. Para sermos coerentes com nossos pontos de vista, não temos ilusões com relação aos atuais governantes e, por isto mesmo, em nossa militância política, levantamos sempre a necessidade de independência em relação ao poder. Não mistificamos os trabalhadores afirmando-lhes que os atuais governantes irão solucionar os seus problemas mais prementes; pelo contrário, educamo-los no sentido de assumirem suas

responsabilidades históricas passando a serem sujeitos do processo social. Este é, em largos traços, nosso ponto de vista político; achando-o correto o defendemos em nossa militância, sem sectarismo e sempre aberto a debates.

Ocorre que em Goiânia a maioria dos elementos ditos de esquerda, em vez do debate que procuramos, desemboca, pela falta de formação política, no canal das denúncias. Fogem da realidade e não pretendem que as levantemos, que a analisemos, que a estudemos... Devido a isto, quando pretendíamos fazer uma pesquisa no Congresso de Trabalhadores no Campo, com a exclusiva preocupação de levantamento científico, denunciaram-nos ao diretor do Centro de Estudos Brasileiros. Fatos como este se multiplicaram durante nossa estadia em Goiânia e esgotam qualquer sistema nervoso... Isto ainda poderia ser superado, pois Maria do Carmo, apesar de sua aparência agitada é uma pessoa calma. Mas ela contraiu uma sinusite alérgica (alergia à poeira). Está fazendo um tratamento alérgico longo e não poderia realmente retornar a Goiânia tão cedo. Esta série de fatos nos levou a conclusão de que para continuarmos em nosso trabalho intelectual será necessário abandonarmos Goiânia.
[grifos do entrevistado]

Nesta avalanche de provincianismo intelectual que é Goiânia, onde o debate franco e universitário é inteiramente abandonado por formas maquiavélicas de impor ideias, sobram dois espíritos lúcidos e realmente preocupados com as coisas da cultura e na procura de algo novo, algo que corresponda as atuais necessidades do país; nós os encontramos no Centro de Estudos Brasileiros: referimo-nos a você e a Bernardo Élis. Nós o consideramos autêntico liberal que procura encontrar-se na realidade nacional com toda a honestidade e despido de preconceitos; já Bernardo, sendo pessoa de passado identificado com as ideias de esquerda, não se prende a fórmulas sectárias e dogmáticas; pelo contrário, encontra-se sempre preocupado em fundamentar suas colocações sobre o processo revolucionário brasileiro, aprofundando o estudo sobre nossa realidade e abrindo-se constantemente a debates a fim de afastar possíveis equívocos de interpretação. Saindo do Centro de Estudos Brasileiros levamos o pesar da separação de dois amigos forjados na procura honesta de mais para quebrar o primitivismo intelectual de Goiânia.

Formalizamos o pedido de Demissão em ofício anexo. Desejamos destacar os nossos agradecimentos pela acolhida que sempre tivemos da Direção do C.E.B. Acreditamos que poderemos ser facilmente substituídos no cargo que ocupávamos; em Goiânia existem pessoas de alto gabarito: Guido Rocha, que fez um brilhante curso na Faculdade de Ciências Econômicas da UMG, como bolsista especializado em Sociologia, além de ter a experiência de direção do Departamento de Pesquisa Social da SIVAT; a Evelyne Pape Singer; um rapaz formado em Sociologia e que presentemente encontra-se no IDAGO, cujo nome é Guilherme Vivaqua, um colega brilhante.

Abraços do amigo,

Juarez

Entrevistadora: Então ele chegou a trabalhar no Centro?

Entrevistado: Tal como eu disse, dirigiu cerca de um mês o Departamento de Pesquisa, cujo cargo de diretor estava vago com a minha nomeação para o de diretor do Centro de Estudos Brasileiros. Ele trouxe carta de recomendação ao reitor que me mandou chamar e mo apresentou como pessoa

técnica em pesquisa. O resto é como contei acima. Aliás, o mesmo coronel. Danilo, num outro encontro comigo me disse que ia pedir a minha exoneração da direção do Centro. Eu, que não ganhava nada como diretor (recebia o meu salário de professor na Faculdade de Filosofia e Letras), disse-lhe que era um bem que me fazia. Mas ele tomou isso com ironia e resmungou que poderia me prender. Então repliquei: Só se for como o capitão Coutinho fez com a minha mulher, Maria do Rosário, bibliotecária do Centro. O capitão chegou e eu não estava, então ele disse que ia levar os livros “subversivos” do centro. A Maria respondeu que só deixaria com uma ordem de apreensão. Aí ele se virou para ela e disse: A senhora esteja presa. E assim ficou até eu chegar de uma conferência que tinha na Católica. Quando ele viu que era minha mulher, pediu desculpas e se foi. Dias depois trouxe um documento assinado pelo senhor mesmo, coronel Danilo. Só a partir daí ele levou bons livros que eu havia conseguido por intermédio de doações das principais editoras brasileiras.

Com a minha exoneração pelo AI-1, tratei de fazer com que os alunos do centro fossem aproveitados nos cursos de Letras e de História e continuei como professor de Literatura Brasileira e de Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que era como se chamava o atual Instituto de Letras. Foi nessa época (fins de 1964) que a UFG exigiu que todos os professores se submetessem a um concurso público. Preparei dois dossiês: um para concorrer à cadeira de Literatura Brasileira e outro para a cadeira de Teoria da Literatura. Um dia o secretário da universidade me disse? Sabe que há professores de outras disciplinas que concorrem também para as suas cadeiras? [Entre eles, além de Bernardo Élis, estavam os professores de Lingüística e de Língua Portuguesa.] Preparei imediatamente mais dois dossiês: para Lingüística Geral e Língua Portuguesa, pois eram matérias que eu já havia lecionado e sobre as quais escrevia artigos para os jornais de Goiânia. O resultado é que, com professores de fora, tirei o primeiro lugar nas quatro disciplinas, deixando os meus amigos “da onça” com cara de pau. Como não podia ficar com todas, optei pelas disciplinas que eu já vinha lecionando na Universidade.

Entrevistadora: Quando foi isso, professor?

Entrevistado: Em janeiro de 1965. Logo depois, tomei posse novamente dos meus cargos, e recebi uma bolsa de estudos do Instituto de Alta Cultura de Portugal [o atual Instituto Camões] e fui para lá, freqüentando a Universidade de Lisboa e fazendo um curso na famosa Universidade de Coimbra, onde obtive um Diploma de Especialização em Língua Portuguesa. Quando voltei, no início de 1966, já trouxe um convite do Ministério do Exterior para trabalhar como professor de Literatura e Cultura Brasileiras no Uruguai, onde fiquei quatro anos, até 1970. De lá, com o “diploma” do AI-5, fui para o Rio de Janeiro e não voltei mais a Goiás, a não ser para ver os parentes, pescar, fazer conferência, julgar concursos, votar na Academia Goiana de Letras e até para matar saudades das mulheres que amei, como diria Manuel Bandeira. Falando em poetas, foi nessa época que Carlos Drummond de Andrade me dedicou um poema que a certa altura fala de sua admiração “*ao professor, melhor, ao poeta / que de Goiás ao Rio vem, / palmilhando rota indireta*”, fazendo assim alusão à minha ida de Montevideú para o Rio de Janeiro.

Entrevistadora: Como já lhe disse, a minha intenção é estudar o Centro de Estudos Brasileiros, conhecer a gênese de seus cursos e o que realmente se pretendia estudar nesse Centro da UFG. O senhor já me esclareceu bastante, mas gostaria de saber um pouco mais sobre os seus objetivos e o que aconteceu com ele no final, o seu fechamento.

Entrevistado: O primeiro e único número dos *Cadernos de Estudos Brasileiros*, publicado no primeiro semestre de 1963 (janeiro/junho – 1963), começa com um ensaio redigido por mim (mas sem o meu nome) com o título de “O sentido revolucionário do Centro de Estudos Brasileiros”, em que se lê, na página 15:

Especificamente, assim se podem resumir os objetivos do Centro de Estudos Brasileiros:

- a) Formar professores de estudos brasileiros.
- b) Conhecer as possibilidades artísticas e científicas do Brasil, levando o aluno a especializar-se em cultura brasileira.
- c) Dar o exato valor da nossa evolução no plano cultural, de modo a despertar maior interesse pelas nossas coisas e problemas.
- d) Formar especialistas em assuntos brasileiros, com amplas bases de conhecimento dos aspectos histórico, político, social, econômico e artístico do Brasil.
- e) Promover e executar investigações científicas de interesse para o conhecimento do Estado de Goiás e do Brasil.
- f) Através de palestras, seminários e cursos de extensão, mostrar ao povo, que não tem oportunidade de freqüentar escolas superiores, as artes e a cultura brasileiras.
- g) Manter vivo intercâmbio com educadores, cientistas, escritores e políticos de projeção no cenário cultural brasileiro.
- h) Entrar em contato com estudantes estrangeiros, interessados no Brasil, proporcionando-lhes oportunidades de conhecer a nossa cultura.

Por aí se vê que se tratava de um plano muito ambicioso dentro de uma universidade em processo de criação, ainda sem maturidade universitária para compreender uma superestrutura diferente como esta. E como estava diretamente ligado à reitoria tudo que era contra o reitor atingia direta ou indiretamente o CEB. A filosofia do CEB era a de ver a Universidade preocupada com a sua região e, ao mesmo tempo, preocupada em conhecendo bem o Brasil, assim como o Brasil na América do Sul. Era portanto uma ideia grande demais para Goiás. Nenhuma universidade brasileira

tinha tentado coisa semelhante. Era um projeto nosso, goiano, que nasceu e teve de morrer aqui. [Curiosamente, estamos pensando na PUC-Rio a criação de um Centro de Estudos Hispano-Americanos, a partir do próximo ano.]

Depois de 1964, o medo tomou conta dos goianos. Estando a 200 km de Brasília, nada se fazia em Goiânia sem que se fosse fazer, primeiro, uma consulta no Distrito Federal. Como o centro foi fechado pelos militares, a universidade (professores e alunos) fez questão de fazer silêncio sobre ele. Ninguém ousava pensar em estudar o que se fez e poderia ter sido feito no centro. Uma lida, entretanto, no primeiro número dos *Cadernos de Estudos Brasileiros* revelará o que se estava fazendo no sentido de se estudar o Brasil. Tenho nos meus arquivos inúmeras cartas e resenhas de todo o Brasil saudando o aparecimento da nossa revista.

A ideia do Centro de Estudos Brasileiros, hoje comum na Europa, graças ao apoio do governo português, só não existe na Universidade Federal de Goiás, por medo e preconceito. Coincidentemente, quando em 1983 fui convidado a ser catedrático visitante na Universidade de Lisboa, me tornei diretor do Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de lá, com estrutura bem tradicional.

Entrevistadora: Como explicar o sentido do novo na criação do Centro de Estudos Brasileiros.?

Entrevistado: Ótima pergunta. O contexto nacional era o do novo: Juscelino construindo Brasília, Darci Ribeiro construindo a UnB, universidade que seria a mais moderna do Brasil, esperava-se nacionalmente uma política revolucionária. Além disso, o goiano tinha visto e crescido com uma nova capital (Goiânia) e visto o nascimento de Brasília. Juscelino se tornava o grande herói do Brasil Central. Colemar Natal e Silva estava em cheio nessa ideia do novo, do revolucionário e, além disso, contou com o sentido utópico da filosofia de Agostinho da Silva. Digo aqui, entre parêntese, que ele, Agostinho da Silva, foi um homem importante na minha vida: sugeriu meu nome ao reitor para a estruturação do Centro, conversava comigo sobre o sentido da universidade e, em 1965, foi ele quem me ofereceu uma bolsa de estudos em Portugal, a fim de que saísse de Goiânia. Tudo por conta do Instituto de Alta Cultura: viagem e diárias, correspondentes ao vencimento de um professor catedrático em Portugal. Foi graças a esse contato com Portugal que o Itamaraty me convidou para ir lecionar no Uruguai, onde fiquei quatro anos, não como exilado, como se propagou por aqui.

Treze anos depois, professor na Universidade de Lisboa, tratei de visitar o professor Agostinho da Silva e várias vezes o visitei. De volta ao Brasil, comecei a receber as suas cartas, que guardo no meu arquivo. Por ele tive contato com pessoas como António Quadros, Maria de Lourdes Belchior, Vitorino Nemésio e tantos outros homens ilustres de Portugal. Era um grande filósofo moderno, com os pés na tradição ibérica. Uma vez, em Goiânia, me pediu fosse com ele a Trindade, pois ele queria ver de perto a imagem do Divino Pai Eterno. Aí ele falou bastante sobre a chegada do culto do Espírito Santo no Brasil, por intermédio dos açorianos. Explicou-me a simbologia da pomba e o sentido do menino nos reisados. No seu pensamento ecoavam ideias de Gioacchino da Fiori para quem houve uma época do Pai, outra do Filho e começava (no século XII) a época do Espírito

Santo, que preparava o homem para a sua volta no futuro. O seu pensamento influenciou os franciscanos e cresceu pelo mundo Agostinho da Silva era dessa estirpe de filósofo que pensava no futuro da humanidade, preparando-a nos tempos presentes. Portugal comemora este ano [2006] o seu centenário e estou convidado a fazer três conferências sobre ele: uma na Universidade de Lisboa, outra na Universidade Católica de Lisboa e outra na Université Charles de Gaule, em Lille, na França. E o tema da minha conferência em Portugal é A filosofia de Agostinho da Silva na criação de centros de estudos no Brasil, oportunidade que terei de falar no Centro de Estudos da Bahia, no de Brasília e, claro, no de Goiás, cujo Centro Acadêmico se chamou Agostinho da Silva.¹

Para terminar, informo-a de que guardo nos meus arquivos tudo sobre o CEB, inclusive os artigos que me mandaram para o segundo número dos *Cadernos de Estudos Brasileiros*, que foi impedido de sair. Guardo as cartas do Agostinho da Silva, muitas das quais verdadeira lição de filosofia. É o que posso dizer, por agora. Obrigado pelo seu interesse em estudar o extinto Centro de Estudos Brasileiros. **Gilberto Mendonça Teles**

1 Primeira Conferência Interamericana sobre Ensino da Física, realizado no Rio de Janeiro de 24 a 29 de junho de 1963, pela Organização dos Estados Americanos.